

MAES - MUSEU DAS REMOÇÕES

Introdução

O [Museu das Remoções](#) é uma organização comunitária e horizontal, que articula sua resistência a partir dos eixos relativos ao direito à cidade, à moradia e à memória. Busca-se, ao cruzar estes eixos, desenvolver um processo de disputa material e imaterial pelo território que sofreu com as remoções. A luta da Vila Autódromo é criativa e afetiva, na medida em que o senso colaborativo comunitário junto à criatividade dos ativistas são responsáveis por manter a resistência viva e por regenerar danos nas esferas moral e social. O museu comunitário começou a ser pensado a partir do entendimento de que as remoções das casas ultrapassam a destruição da materialidade: a Vila Autódromo desaparecia do mapa, da história, da vida do Rio de Janeiro, mas também da referência e da memória de todos os seus moradores, dos seus vizinhos, dos amigos e da história de cada ex-morador que perdia naquela poeira, parte da sua identidade. Resistir a este apagamento foi o mote para criação do Museu.

O Museu das Remoções é fruto da união de esforços para preservação, comunicação e pesquisa, que são funções básicas de um museu, unindo-se em torno do objetivo de guardar a memória da Vila Autódromo.¹ Esta ação foi executada a contrapelo diante da dinâmica de esquecimento empreendida pelas remoções olímpicas. O ato de trazer à tona as práticas sociais da favela removida, contidas em relatos e objetos expostos no museu, busca reconstruir a relação da memória com o lugar que foi gradativamente despedaçado pelo poder público.

Histórico da Vila Autódromo

Situada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a Vila Autódromo nasceu de um pequeno agrupamento de pescadores que passaram a ocupar a lagoa de Jacarepaguá, em meados dos anos 1960, quando a expansão imobiliária e valorativa da Barra da Tijuca estava distante de atingir as fronteiras com outros bairros. No decorrer da década de 1970, com a

¹ Grande parte das vinte famílias que permaneceram na Vila Autódromo participaram da concepção e participam das atividades do Museu das Remoções, algumas famílias removidas também fizeram parte da idealização do museu, mesmo após a saída da comunidade, elas retornam a Vila para participar das atividades propostas. A ideia inicial do museu surgiu em reuniões na Vila Autódromo nas quais estavam presentes moradores e diversos apoiadores que iniciaram a construção de um museu social da Vila Autódromo; moradores e apoiadores debateram como seria o Museu das Remoções.

chegada de trabalhadores para a construção do Riocentro e do Autódromo de Jacarepaguá na região, a partir de um grande projeto urbanístico projetado por Lucio Costa, a vila de pescadores teve crescimento populacional e habitacional. Soma-se a esta conjuntura, a chegada de migrantes vindos sobretudo da região nordeste do país, atraídos pela chance de uma possível inserção na vida urbana de uma cidade como o Rio de Janeiro. O plano museológico do Museu das Remoções explica ainda que a comunidade se expandiu a partir de dois reassentamentos de favelas: "um, de moradores da favela Cardoso Fontes, quando esta foi removida, e outro de alguns moradores da Cidade de Deus, em um período que parte dela foi removida" (MUSEU DAS REMOÇÕES, 2017, p. 3).

Remoções e Resistência - O Museu das Remoções

Remoções de casas, cortiços e favelas são uma prática histórica da política de expansão urbana do Rio de Janeiro. Muitos autores atribuem à Reforma de Pereira Passos, no século XIX, a responsabilidade de desencadear a formação das favelas ao demolir os cortiços, local de moradia de trabalhadores de classe baixa, sem oferecer alternativa habitacional às famílias despejadas. A prática de despejos e remoções, entretanto, não se erradicou ao longo dos anos durante as diversas gestões municipais da cidade carioca, e na gestão do prefeito Eduardo Paes, entre os anos 2009 e 2013, não foi diferente: foram realizados mais despejos que no período governado por Pereira Passos e Carlos Lacerda juntos, segundo apresentam Lena Azevedo e Lucas Faulhaber (2016).

As remoções da Vila Autódromo, portanto, acontecem no contexto de um planejamento urbano excludente, estruturado a partir de uma relação de privilégio entre gestão urbanística e mercado imobiliário. Um contexto de megaeventos que acentua as oportunidades de lucro para o mercado imobiliário e promoveu a remoção de mais de 22 mil famílias na cidade.

[O Museu das Remoções nasce da luta de resistência da Vila Autódromo](#), e através de intervenções no espaço urbano pretende reconectar a história e a memória da comunidade com o objetivo de reafirmar sua existência. Inaugurado no dia 18 de maio de 2016, Dia Internacional dos Museus, com a presença de moradores, apoiadores e da imprensa

independente,² o Museu das Remoções nasceu com a construção de sete esculturas que conduziam os visitantes pela comunidade Vila Autódromo que estava em processo de remoção. Sua construção nasceu da ação de moradores e apoiadores e do Projeto de Extensão à Comunidade da Universidade de Arquitetura e Urbanismo Anhanguera, coordenado pela professora e apoiadora Diana Bogado.

As esculturas construídas pelos alunos na criação do projeto de extensão são intituladas: “Vila de Todos os Santos”, em homenagem ao centro religioso; “Penha de muitas faces”, em homenagem à casa da Dona Maria da Penha Macena; “Suporte dos males”, em homenagem à Dona Jane Nascimento; “Luz que não se apaga”, única escultura que se relaciona a uma edificação que não foi removida - a Igreja São José Operário: decidiu-se homenagear a igreja pelo simbolismo que esta edificação tem para a comunidade, tendo acolhido muitos moradores que tiveram suas casas demolidas; “Doce infância”, escultura em homenagem ao parquinho; “Espaço Ocupa e Casa da Dona Conceição”, escultura que faz referência aos Festivais Ocupa Vila Autódromo. O espaço do festival estava ao lado da casa da Dona Conceição Queiroz, que tinha um papel acolhedor nos eventos culturais da comunidade; a escultura “A Associação sou eu”, é uma homenagem à Associação dos Moradores da comunidade. Vale dizer que Dona Jane do Nascimento, Dona Conceição e Dona Maria da Penha Macena tiveram suas casas representadas pelas esculturas do museu, elas, junto com muitas outras mulheres, como Sandra Maria, Nathalia Macena, Dona Sandra Regina, Dona Inalva, entre outras representam o protagonismo feminino nas lutas sociais urbanas.

A remoção da Vila Autódromo, entretanto, não foi interrompida após a criação do Museu das Remoções e o processo de destruição do território levou a perda e ao desmantelamento da comunidade e de muitas esculturas. Apesar disso, a luta continuou e vinte famílias insistentes conseguiram permanecer na atual Rua Vila Autódromo fazendo um acordo com a prefeitura. Atualmente o museu continua atuante e pulsante, com inúmeras

² Para demarcar o nascimento do museu, realizou-se a construção de esculturas feitas dos escombros das casas, idealizadas de forma participativa pelos alunos do projeto de extensão à comunidade da Universidade Anhanguera coordenado pela professora e ativista Diana Bogado, a ideia de construção de um museu de resistência foi trazida pelo ativista e museólogo Thainã de Medeiros. As esculturas, são as sementes do museu, foram concebidas pelos alunos integrantes do Projeto de Extensão à Comunidade: Pedro Nunes, Diego Goulart, Gisele Quintanilha, Elisângela Bueno, Marcos Oliveira, Ana Angélica, Arianna Alves, Tiago Guedes e Geisler Benevuto. O Museu das Remoções, desde a sua concepção, teve apoio do Comitê Popular Copa e Olimpíadas que articulou atividades conjuntas e conferiu força e expressividade à iniciativa da comunidade Vila Autódromo, destacando a atuação de pesquisadores, artistas e ativistas que já lutavam ao lado da Vila Autódromo e integraram-se ao Museu das Remoções.

atividades culturais, debates, festas, mesas e afins, que buscam visibilizar a história de luta da comunidade e apoiar o direito à moradia e à cidade, lutando junto a outras comunidades que sofrem processo de remoção.

O percurso expositivo

A história da Vila Autódromo e o surgimento do Museu das Remoções nos ensinam sobre a potência da dimensão imaterial da legitimação de um território, assim como abrem novas possibilidades de resistência social. Ao questionar o processo de apagamento material e simbólico do local, o museu imprime novos sentidos ao território, e cria condições para que os moradores reescrevam a história local em discurso direto. As ruínas das demolições ocorridas na comunidade passam a ser disputadas pelos moradores como lugares de memória. Fragmentos e resquícios de edificações demolidas brotam da terra transformando o material resultante da destruição perpetrada pela política de remoções em monumentos capazes de reconectar o território à história e à memória.

Hoje as ruínas de casas e equipamentos coletivos removidos tornam-se acervo do museu e parte do que os moradores chamam de percurso expositivo da memória, ao longo do qual foram instaladas diversas placas que fazem referência aos espaços que existiam na Vila Autódromo antes do processo de remoção. Visitantes de todo o mundo agendam visitas guiadas para conhecer o museu, materializado nos lugares de memória da comunidade, mas também em seu vasto acervo documental e oral.

[O percurso expositivo foi inaugurado em 23 de setembro de 2018](#), compondo a programação da 12ª Primavera dos Museus, o novo Percurso Expositivo do Museu das Remoções, teve seus pontos selecionados por meio do trabalho de reconhecimento das memórias coletivas que os moradores e ex-moradores da Vila Autódromo carregam da remoção da comunidade (PEIXINHO, 2021; SANCHES, 2020; TEIXEIRA, 2019). O Percurso Expositivo é composto por 24 placas, sendo 18 com referência a pontos de memória, quatro com nomes de ruas e duas com textos explicando a construção do Museu das Remoções (TEIXEIRA, 2020, p.236). Dentre essas, as 21 que fazem parte do circuito dos postes são Igreja de São José Operário; Ruínas da casa de Zezinho e Inês; Pisos (ruína) da casa de Wilson e Iolanda; Poste da casa da Jaqueline; Associação de moradores; Rua Vila Autódromo (antiga Rua Nelson Piquet); Rua Gilles Villeneuve; Origem do Museu das

Remoções: mapeamento de memória e festivais culturais; Contêineres: Onde 9 famílias residiram por 73 dias; Ruínas da casa de dona Denise: Lutou e permaneceu; Local da antiga padaria; Lote da família da dona Dalva: Lutou e permaneceu; Rua Francisco Landi, onde residiu a família da Sandra Regina: Lutou e permaneceu; Ruínas da casa do senhor Adão; Final da rua Beira Rio, onde residiram a família da Iara e Gaúcho: Lutaram e permaneceram; AEIS (Área de Especial Interesse Social – lei complementar 74/2005): Onde famílias poderiam permanecer morando; Últimas barricadas: (Herança da Luta); Parquinho das Crianças; Espaço OCUPA; Travessa da resistência; Legado do Projeto “Futuro da Memória”.

Através do novo Percorso Expositivo³, os moradores da Vila Autódromo preservam e comunicam memórias coletivas e individuais da vida na comunidade antes da remoção. A luta dos moradores da Vila Autódromo pelo direito à moradia se materializa no Percorso Expositivo. Desse modo, o Museu das Remoções se configura como lugar de protagonismo comunitário, o que pode ser observado quando os moradores se apresentam aos visitantes como “peças” do Museu das Remoções.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. **SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

BOGADO, Diana. **O Museu das Remoções da Vila Autódromo**. Potência de resistência criativa e afetiva como resposta sociocultural ao Rio de Janeiro dos megaeventos. Tese de doutorado defendida na Universidade de Sevilha, obtenção de mérito “Cum Laude”. Sevilha, 2017.

MUNIZ, Marianna. **Museus Comunitários enquanto estratégia imaterial de disputa para a legitimação de um território** – O caso do Museu das Remoções da Vila Autódromo. Artigo para o Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. 2020.

OLIVEIRA, Nelma. A produção da cidade através do espetáculo esportivo: quando a exceção se torna regra. Rio de Janeiro: **E-Metropolis** – Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, n.13, ano 4, Junho de 2013.

³Cabe dizer que, por conta da pandemia de Covid-19, o Museu das Remoções parou temporariamente suas atividades de visitação ao território, se adaptando com a produção de vídeos de apresentação dos pontos do Percorso Expositivo, publicados no IGTV do perfil do *Instagram* do Museu. Disponível em: <<https://www.instagram.com/musedasremocoes/?hl=pt>> Acesso em: 12 jan. 2021. / YouTube - Museu das Remoções

PEIXINHO, Lia. **O museu e seus usos**: Museu das Remoções grita o indizível. 2021. 276 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANCHES, Taísa. **O Museu das Remoções somos nós** - Cotidiano e Memórias na (e da) Vila Autódromo. Periferia , v. 12, n. 2, p. 39-56, maio/ago. 2020.

TEIXEIRA, Sandra Maria de Souza. Museu das Remoções: Moradia e Memória. In: SOARES, Bruno Brulon. (Ed.). **Descolonizando a Museologia**. 1. Museus, Ação Comunitária e Descolonização. Comitê Internacional para a Museologia - ICOFOM. p.226-238. 2020.

TEIXEIRA, Sandra. Vila Autódromo: Lutando por direitos, entre emoções e remoções, nasce um museu. **Lugar Comum** – No 56/ Dezembro de 2019.

Links consultados:

Site do Museu das Remoções: <https://museudasremoco.es.com>.

"Vila Autódromo inaugura Museu das Remoções". Disponível em: <https://rionwatch.org.br/?p=19942>

"Museu das remoções inaugura percurso expositivo na 12 semana de museus". Disponível em: <https://rionwatch.org.br/?p=36590>